

A DISCIPLINA DE DIDÁCTICA ESPECIAL NA ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LISBOA. O EXEMPLO DO PROF. MOREIRINHAS PINHEIRO

Joaquim Pintassilgo

japintassilgo@ie.ul.pt

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

Lénia Cristina Pedro

lcpedro@ie.ul.pt

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

Secção 4

A presente comunicação tem como objectivo reflectir sobre as finalidades e o conteúdo de uma disciplina nuclear do currículo das Escolas do Magistério Primário, a Didáctica Especial, implementada na sequência da reabertura, em 1942, das referidas escolas após seis anos de suspensão de inscrições. As renovadas Escolas do Magistério Primário dão conta do esforço do salazarismo para possuir, finalmente, escolas de formação de professores, no caso do ensino primário, mais ajustadas às finalidades do regime. Mas esse enquadramento não deixa de conviver, de alguma maneira, com uma tradição pedagógica, que mergulha as suas raízes na Educação Nova, agora adaptada aos novos tempos católicos e conservadores. Num outro momento analisámos a fase inicial de existência da Didáctica Especial na escola de Lisboa, a par da Pedagogia e Didáctica Geral, leccionadas, respectivamente, por Orbelino Geraldês Ferreira e Octávio Dordonnat¹. Neste texto estamos particularmente interessados em analisar o percurso subsequente da Didáctica Especial, a partir da entrada de Moreirinhas Pinheiro para o corpo docente da escola (1958), na sequência da transferência, por razões disciplinares, de Orbelino Ferreira. Os programas vigentes nessa primeira fase, os de 1943, mantiveram-se até 1960, ano em que o plano de estudos é revisto conduzindo à divisão da Didáctica Especial em duas disciplinas (grupos A e B). Para além dos programas, teremos em conta, a partir da análise de um deles, da autoria de Moreirinhas Pinheiro, os compêndios produzidos para apoio à disciplina. Procuraremos, por essa via, aproximar-nos da forma como era gerido esse espaço curricular.

1. Breve enquadramento histórico da Escola do Magistério Primário de Lisboa

A actual Escola Superior de Educação de Lisboa tem nas suas origens um conjunto de instituições que se dedicaram, desde a segunda metade do século XIX, à formação de professores. Em 1862 é inaugurada, em Marvila, a Escola Normal Primária para o sexo masculino logo seguida, em 1866, pela sua congénere para o sexo feminino,

¹ PINTASSILGO, J. & PEDRO, L. C. «As disciplinas de Didáctica nas Escolas do Magistério Primário. Reflexões em torno do currículo da formação de professores». Comunicação apresentada ao *XIX Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE – Revisitar os Estudos Curriculares: onde estamos e para onde vamos?* - realizado entre 2 e 4 de Fevereiro de 2012 no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

estabelecida no Calvário. A partir de 1919, na sequência das reformas republicanas do ensino normal, as duas Escolas Normais fundem-se numa só e passam a funcionar em regime de coeducação no novo edifício construído de raiz na Quinta de Marrocos em Benfica. Em 1930, já em plena Ditadura Militar, as Escolas Normais passam a ser designadas por Escolas do Magistério Primário. Em 1936 são suspensas as matrículas, voltando a Escola a admitir novos alunos somente seis anos depois, quando já se começava a verificar uma carência de novos professores. A designação irá manter-se nas décadas subsequentes, até ao ano de 1986, aquando da criação da Escola Superior de Educação de Lisboa².

2. A disciplina de Didáctica Especial

O decreto-lei n.º 32243, de 5 de Setembro de 1942, cria duas disciplinas centrais à aprendizagem dos alunos mestres: a Pedagogia e Didáctica Geral e a Didáctica Especial. Concentrar-nos-emos, neste caso, na Didáctica Especial. Até ao ano de 1942 eram as disciplinas de Metodologia que lhe correspondiam. Com o decreto acima referido, a disciplina passa a desempenhar um papel fulcral na preparação teórica e prática dos alunos mestres das Escolas do Magistério Primário, analisando a especificidade de cada matéria e as dificuldades no ensino de cada disciplina. Segundo o próprio Moreirinhas Pinheiro: «Podemos classificar a Didáctica em: geral e especial. A primeira estuda os métodos, processos formas e modos de ensino com carácter genérico, isto é, segundo as suas próprias leis. A Didáctica especial aplica-se a uma determinada matéria para a sua mais fácil e recta compreensão (...).»³.

Com a publicação do decreto-lei n.º 32629, de 6 de Janeiro de 1943, os programas das Escolas do Magistério Primário sofrem alterações, sendo a Didáctica Especial obviamente englobada nessa mudança. Segundo o decreto, esta disciplina caracteriza-se por um ensino essencialmente prático, dedicando-se a áreas específicas, retirando de cada um dos saberes os ensinamentos necessários para os alunos-mestres alargarem a sua aprendizagem. Essas áreas eram a didáctica da aritmética, da leitura, da escrita, da ortografia, geografia, história pátria, desenho e trabalhos manuais.

Os dois decretos citados mantiveram-se em vigor até 1960, ano em que é publicado o decreto-lei 43369, na sequência do qual se verificam alterações significativas na disciplina de Didáctica Especial. Esta mudança procura responder à situação, aí identificada, das habilitações dos candidatos ao magistério primário serem insuficientes, por terem a «habilitação mínima do 2.º ciclo liceal ou equivalente, ou com o curso das secções preparatórias para os institutos industriais e comerciais e para as escolas de belas-artes». Por esta razão, tornou-se necessário, segundo esse diploma legal:

«Intensificar o estudo da didáctica especial, acrescentando aos seus anteriores objectivos a prévia revisão e o desenvolvimento das matérias relacionadas com os programas do ensino primário,

² NÓVOA, A. *Le Temps des Professeurs - Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIIIe-XXe siècle)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987; PINTASSILGO, J. & SERRAZINA, L. (Org.). *A Escola Normal de Lisboa e a Formação de Professores: arquivo, história e memória*. Lisboa: Edições Colibri / CIE / ESELx, 2009; PINTASSILGO, J., MOGARRO, M. J., & HENRIQUES, R. P. *A Formação de Professores em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

³ PINHEIRO, J. E. M. *Escritos vários relativos à Escola Normal Primária e à Escola do Magistério Primário de Lisboa*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa, 1996, p.63.

com vista à sua integração didáctica subsequente, para o que se aumentam os respectivos tempos lectivos e se cria, em cada escola do magistério, mais um lugar de professor dessa disciplina».⁴

Desta forma, a disciplina desdobra-se em grupo A e grupo B, sendo leccionada por dois professores, durante quatro semestres, com uma carga horária semanal de três horas no primeiro semestre e de duas horas nos restantes, para cada grupo. O grupo A passa a abranger a Língua Portuguesa, História e Desenho; o grupo B inclui Aritmética e Geometria, Ciências Geográfico-naturais e Trabalhos Manuais. A duração do curso foi estabelecida em quatro semestres, ao invés dos anteriores três semestres lectivos seguidos de um estágio, também semestral, o que resultou do facto de ser considerado «mais útil que a aprendizagem se revista, durante o estágio, de um carácter teórico-prático que permita a teorização da prática e, por outro lado, possibilite a aplicação das noções teóricas»⁵.

Além disso, os alunos deixaram de realizar o seu estágio noutras escolas, exteriores às escolas do magistério, e passaram a fazê-lo nas escolas de aplicação ou escolas anexas. Os professores de Didáctica Especial passam ainda a reger a disciplina de Legislação e Administração Escolares e poderiam ser nomeados definitivamente depois de dois anos de serviço considerado «bom e efectivo», através de concurso composto de provas escritas e orais. Em cada uma das escolas do magistério primário passou também a funcionar um conselho das escolas de aplicação, composto por todos os professores destas escolas e pelo professor de Didáctica especial, o qual realizava a coordenação entre estas escolas e as escolas do magistério, assistindo às práticas dos alunos.

3. José Eduardo Moreirinhas Pinheiro



Nasce a 20 de Agosto de 1923, em Coimbra. Em 1944 conclui o Curso Complementar de Letras no Liceu Nacional de D. João III, também em Coimbra, e em 1946 conclui, na Escola do Magistério Primário da mesma cidade, o curso para o exercício do Magistério. Nesse ano, é nomeado professor agregado da Escola Masculina de Santa Cruz e, no ano seguinte, da Escola Masculina de Santo António do Olivais, ambas em Coimbra, passando a professor efectivo da Escola Masculina de Buarcos, Figueira da Foz, ainda nesse ano. Em 1954 torna-se professor efectivo da Escola Masculina da Figueira da Foz e em 1958 é nomeado professor de Didáctica Especial e de Legislação e Administração Escolares da Escola do Magistério Primário de Lisboa, passando a professor efectivo em 1965. Quando iniciou funções, segundo relata, «senti-me um pouco aturdido devido ao número de alunos que me foram confiados e às 32 horas semanais que me foram atribuídas. Nessa época frequentavam a Escola cerca de 250 alunos do 1.º e 2.º anos (...)»⁶. Aquando do desdobramento da cadeira de Didáctica Especial A e B, em 1960, ainda se dedica, até 1963, tanto à docência de uma como de

⁴ Preâmbulo do Decreto-lei n.º 43369, p.2674.

⁵ Idem., p. 2675.

⁶ PINHEIRO, J. E. M. *Elementos para um livro de memórias*. Lisboa: [s.n.], 1996, p.10.

outra, tendo, a partir desta data, a sua actividade restrita apenas ao ensino da Didáctica A, ou seja, ao grupo que integra a Língua Portuguesa, a História e o Desenho. Em 1975 rege as cadeiras de Introdução à Pedagogia e de Didáctica Geral nos cursos especiais de Regentes e em 1976 é nomeado Director da mesma escola, ficando no cargo até ao ano de 1977. A partir deste ano lectivo, lecciona a cadeira de Metodologia. Em 1988 é integrado nos quadros da já então designada Escola Superior de Educação de Lisboa, na secção de reservados do Centro de Documentação e Informação, adstrito à Biblioteca. Aposentou-se em 20 de Agosto de 1993. Nas suas próprias palavras: «Cheguei ao fim da minha carreira profissional. Trabalhei durante 46 anos e 10 meses (...). Exerci funções docentes e discentes cerca de 11 anos, no ensino primário; 30 anos na Escola do Magistério e 5 anos e 10 meses na Escola Superior de Educação»⁷.

Entre as suas obras podemos destacar: *Introdução ao estudo da Didáctica Especial para uso dos alunos-mestres das Escolas do Magistério Primário* (1.^a ed., de 1960); *No centenário de Ovídio Decroly*, de 1971; *A lição de geografia no método Decroly*, 1973; *Notas sobre a Escola Normal Primária de Lisboa e alguns dos seus mestres*, 1976; *Vem brincar comigo!...*, de 1979; *Do ensino normal na cidade de Lisboa 1860-1960*, de 1990; *Escritos vários relativos á Escola Normal Primária e à Escola do Magistério primário de Lisboa*, de 1996; *Inventário de livros raros e desconhecidos: memória da Escola Portuguesa (do séc. XVIII ao séc. XX)*, de 2009, entre outras obras. Publicou também artigos em diversas revistas ligadas à temática da educação, tais como a *Escola Portuguesa, Ocidente, Magistério, Escola Democrática* ou a *Revista Municipal de Lisboa*.

Continua a dedicar algum do seu tempo aos reservados da Escola Superior de Educação de Lisboa e a auxiliar investigadores nacionais e internacionais.

4. Maria de Lourdes Pinho Leónidas

Existem poucas informações acerca desta professora contratada, que foi docente de Didáctica especial B na Escola do Magistério Primário de Lisboa. Apenas se sabe que iniciou funções no ano lectivo de 1961-1962, tendo depois ido para a Escola do Magistério Primário de Coimbra.

5. Catarina Guiomar Carapinha



Tal como Maria de Lurdes Pinho Leónidas, não existe muita informação acerca desta docente, igualmente contratada, apesar de ter permanecido mais tempo a exercer funções na Escola do Magistério Primário de Lisboa.

⁷ Idem., p.13.

Contratada no ano lectivo de 1962-1963 para leccionar a cadeira de Didáctica Especial, grupo B (Aritmética e Geometria, Ciências Geográfico-naturais e Trabalhos Manuais), dedicou-se ao ensino da mesma até eclodir a revolução de 25 de Abril de 1974. A partir do ano lectivo de 1976-1977 torna-se docente da cadeira de Metodologia, função que exerce até 1979, ano em que é dispensada do ensino na Escola.

6. *Introdução ao estudo da Didáctica Especial para uso dos alunos-mestres das Escolas do Magistério Primário*, de José Eduardo Moreirinhas Pinheiro (1960, 1961 e 1967)

A 1.^a edição da *Introdução ao estudo da Didáctica Especial* está datada de 1960, tendo resultado da iniciativa das alunas e alunos de Moreirinhas Pinheiro, que compilaram apontamentos das suas aulas. A 2.^a edição, de 1961, já conheceu uma revisão mais profunda por parte do autor que ampliou a obra. Finalmente, a 3.^a edição, de 1967, é dedicada à Didáctica A em que o autor se especializara. Teremos em conta, na presente análise, a 2.^a edição, por estar completa, ser fundamentalmente da responsabilidade do autor e já ter em conta as alterações programáticas de 1960.

Assumindo uma definição que se tornara clássica, Moreirinhas Pinheiro (1961) define a didáctica, simultaneamente, como «ciência e arte». Ciência por ser «um conjunto sistemático de conhecimentos com objecto próprio, método e leis». Arte por ser «uma aplicação de conhecimentos à realização de uma concepção»⁸. O movimento tendo em vista a afirmação da pedagogia como ciência da educação, em decurso desde o final do século XIX e que continuava a marcar a pedagogia presente nas escolas de formação de professores ao longo do período salazarista, não punha de parte o entendimento da mesma como uma «arte», em particular no que se refere à sua concretização prática. Isso está claramente presente, por exemplo, na concepção de professor que o compêndio propõe:

«O mestre deve possuir vasta preparação científica e encontrar-se na posse das técnicas indispensáveis ao bom exercício da sua missão. Deve adaptar essas técnicas à sua maneira de ver e de sentir. Tem o educador, neste ponto, de ser também humanista, pois nada do que é humano lhe pode ser ignorado. Para tal, urge conhecer as faculdades físicas, morais e intelectuais do educando e moldá-las com mãos de artista consciente, com inteligência e amor. O mestre será também poeta, pelo seu estado de alma, determinado por vibração subjectiva de professor artista».⁹

A anterior citação é particularmente interessante por várias razões. O professor é aqui visto como «mestre» ou «educador», o que realça a dimensão humana da relação com os discípulos e a influência que, a esse nível, deveria exercer sobre eles. O recurso à metáfora do «molde» é, a esse propósito, significativo como também o é a referência ao «humanismo» do mestre. O cunho afectivo dessa relação é sublinhado quando o autor se refere ao «amor» que deveria estar presente no acto de modelação, acompanhando a «inteligência» do mestre. Para além de artesão, oficial da sua «arte» de aplicação, o professor é aqui encarado como «poeta» ou «artista», o que nos remete para a dimensão estética do acto de ensinar, tal como é visualizado pelo autor. Em diálogo com as raízes religiosas da profissão, o trabalho do professor é visto como uma «missão», o que não põe em causa a necessidade de uma «vasta preparação científica» e a «posse das

⁸ PINHEIRO, J. E. M. *Introdução ao estudo da Didáctica Especial, para uso dos alunos-mestres das Escolas do Magistério Primário* (2.^a edição, revista e aumentada). Lisboa: [s.n.], 1961, pp.10-11.

⁹ Idem., p.10.

técnicas indispensáveis» a um bom exercício. Esta definição compósita, articulando categorias tradicionais e modernas, tornou-se, na verdade, recorrente nas representações difundidas sobre a profissão até aos anos 60 do século XX, designadamente por via dos manuais de pedagogia e de didáctica que procuravam apresentar aos alunos-mestres modelos idealizados (e considerados legítimos) de se ser professor.

O projecto é ambicioso e global e vai de encontro ao já referido humanismo. Pretende-se, segundo Moreirinhas Pinheiro, «formar homens dignos desse nome, bons e belos». Essa perspectiva de formação integral está presente, por exemplo, no ensino da aritmética que apresenta como finalidades, na óptica do autor, desenvolver as «faculdades da memória, do juízo e do raciocínio»¹⁰, a par do «sentimento moral» e dos «bons hábitos»¹⁰. A propósito destes últimos, o autor adianta:

«A aquisição de bons hábitos é muito importante no ensino da Aritmética, pois estes dão à criança certa disciplina mental indispensável à marcha das actividades escolares. Neste ponto deve o professor desenvolver nos seus alunos hábitos de trabalho, perseverança, ordem, limpeza, cautela, simplicidade, exactidão, clareza, etc.»¹¹

Ou seja, para além dos conhecimentos e competências por ela proporcionadas, a aritmética, uma disciplina aparentemente neutra, é aqui encarada como uma área decisiva para a formação do carácter dos educandos, no que se refere a determinadas atitudes, consideradas decisivas do ponto de vista da regulação social, em particular as que têm por base os valores do trabalho, da ordem ou da limpeza, consideradas essenciais para a construção do escolar no sentido moderno e, em particular, no que diz respeito à sua auto-disciplina.

Comparativamente com os manuais das décadas anteriores, designadamente o de José Maria Gaspar e Orbelino Geraldês Ferreira (1944), analisado noutra oportunidade, o compêndio de Moreirinhas Pinheiro é bem menos ideológico, o que decorre não só do contexto, já um pouco diferente, em que é produzido mas, em especial, da própria posição pessoal do autor sobre esta matéria. Em várias ocasiões, nos seus textos de memórias, somos confrontados com apontamentos críticos em relação à situação vigente, sendo lembrado mesmo o seu apelo ao voto em Humberto Delgado. Mesmo assim, não deixam de estar presentes na *Introdução ao estudo da Didáctica Especial* algumas das grandes referências doutrinárias de então, como quando, referindo-se às finalidades da História, o autor considera que esta deve contribuir para despertar «uma consciência cívica e o amor à Nação», sendo guiada pelos «princípios de Deus, da Pátria e da Família»¹². No entanto, as referências são, principalmente, de origem religiosa, não escondendo o autor as suas convicções, como se pode ver na passagem seguinte: «Deve também o professor ensinar a criança a ler o livro maravilhoso da natureza e fazer-lhe compreender que o autor sublime de tanta coisa bela foi Deus, autor de todas as coisas visíveis e invisíveis, onipotente e onisciente, bom e justo»¹³.

Em relação à sua componente especificamente pedagógica e didáctica, o manual em análise é particularmente interessante. Referindo-se aos métodos de ensino da História, diz o autor:

«Na escola antiga os factos eram apresentados de uma maneira rígida, expositiva, em que o compêndio desempenhava o principal papel. A escola moderna ou activa utiliza também a

¹⁰ Idem., p.57.

¹¹ Idem. Ibidem.

¹² Idem., p.90.

¹³ Idem., pp.103-104.

exposição, mas exige mais do aluno. Deve dar vida à História, apresentar intuitivamente figuras e acontecimentos, criar cenas, excitar a fantasia e mobilizar a auto-actividade dos alunos».¹⁴

De resto, o autor afirma-se, por mais de uma vez, partidário dos «modernos métodos», defendendo, em relação às diversas áreas do currículo, uma educação «activa», «intuitiva», «prática» e «experimental». A defesa dos procedimentos intuitivos foi, em permanência, um dos traços definitórios das correntes renovadoras. Nesse sentido, a «observação» é considerada base da aprendizagem em algumas das áreas, em particular nas ciências naturais. Apela-se, ainda, ao «esforço de descobrir» por parte da criança¹⁵. Referindo-se àquela mesma área, o autor afirma: «A forma socrática é a melhor no ensino desta matéria»¹⁶. O diálogo socrático é, de resto, uma das estratégias mais valorizadas, na tentativa de implementação de métodos activos, ao longo da primeira metade do século XX. A partir do exemplo da aritmética, o autor constata: «As correntes modernas deste ensino tendem para a utilização de processos globalizadores, orientados para os interesses e para a actividade lúdica da criança»¹⁷. O tema do interesse da criança é, com alguma naturalidade, outra das marcas distintivas da chamada modernidade pedagógica, cujas categorias, como vemos, continuam presentes. Algumas opções habitualmente associadas à «escola antiga» merecem-lhe, igualmente, observações críticas como, por exemplo, os exames, que apresentariam «sérios inconvenientes»¹⁸ ou a «enumeração de datas e batalhas sem qualquer significado» no que respeita ao ensino da História¹⁹.

Abundam os autores referenciados ao longo das páginas do compêndio, permitindo, na maior parte dos casos, traçar uma espécie de genealogia do pensamento educativo moderno. Se Rousseau prima pela ausência, alguns dos seus seguidores oitocentistas não deixam de marcar presença, como no seguinte excerto respeitante ao ensino das ciências:

«Foi principalmente a partir de Pestalozzi e Froebel que os pedagogos se preocuparam com a sistematização dos métodos pedagógicos. Mas o educador que mais lucidamente ajustou as técnicas educativas às leis da psicologia foi, sem dúvida, Herbart.

Se nas várias disciplinas da escola primária, os passos formais de Herbart têm aplicação imediata, parece-nos que a nenhuma matéria eles se ajustam melhor do que ao ensino das ciências».²⁰

Em seguida, são sistematizados os referidos passos: preparação, apresentação, associação, recapitulação e aplicação. Herbart surge, na verdade, como um dos autores de eleição de Moreirinhas Pinheiro. A formalização didáctica operada pelo educador alemão conhece, na verdade, uma ampla difusão tendo, em particular, grandes implicações no que diz respeito à formação de professores e aos manuais a ela associados, em particular pela regulação e coerência com que investia o trabalho docente e a organização da aula.

Os autores do período entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, genericamente identificados com a chamada Educação Nova, estão entre os mais

¹⁴ Idem., p.92.

¹⁵ Idem., p.95.

¹⁶ Idem., p.99.

¹⁷ Idem., p.55.

¹⁸ Idem., p.85.

¹⁹ Idem., p.90.

²⁰ Idem., pp.99-100.

profusamente citados por Moreirinhas Pinheiro, com destaque para Decroly, Claparède e Montessori, ainda que também Dewey, Ferrière, Kilpatrick, Thorndike, Parkhurst, Dottrens e Piaget, entre outros, estejam incluídos nessa galeria. Acima de todos está Ovide Decroly, inquestionavelmente a grande referência teórica de Moreirinhas Pinheiro:

«O ensino da língua materna, pelo método Decroly, contribui para formar a personalidade da criança, pela expressão oral e gráfica das ideias bem compreendidas e normalmente assimiladas. Baseado na evolução da criança, respeita a espontaneidade da sua linguagem e aplica a função globalizadora à aquisição da leitura, da escrita e da ortografia. Esta espontaneidade deve ser estimulada pela conversação, pelas lições de coisas e por trabalhos individuais (geralmente integrados em centros de interesse) e desenvolvida por íntima relação entre exercícios de observação e de associação (...)

O método dos centros de interesse, baseado na psicologia da criança, torna-se ainda mais eficiente pela combinação com o método activo: a criança, em lugar de receber passivamente um conjunto de noções prévias, participa ela mesma na sua elaboração, contribui para a procura de documentos e participa na feitura do material, na experimentação e na descoberta. Nada de mestre que fale enquanto o aluno escuta, mas sim, uma estreita colaboração, na qual a criança aprenda a aprender, a agir, quer dizer: a trabalhar».²¹

O autor procura aplicar o chamado «método Decroly» às diversas áreas do currículo do ensino primário e noções como «função globalizadora» ou «centros de interesse» pontuam com frequência o texto. A opção de Moreirinhas Pinheiro pelo denominado «método activo» é, de resto, bem clara. A par do de Decroly, outros «métodos» vão sendo propostos, quase todos eles dentro dessa tradição, como o «método Montessori»²², «os modernos métodos de ensino individualizado: o plano Dalton, o método Winnetka e o método Mackinder»²³ ou o «método de projectos»²⁴. Em relação a este último, o autor apresenta as que considera serem as características de um bom projecto, recorrendo, para tal, à sistematização de A. M. Aguayo. O educador latino-americano e divulgador da «escola activa» é, sublinhe-se, outra presença incontornável ao nível da intertextualidade subjacente à escrita de Moreirinhas Pinheiro. Fontes incontornáveis da *Introdução ao estudo da Didáctica Especial* são ainda as obras de autores como o espanhol Solana, o italiano Lombardo Radice ou o brasileiro Theobaldo Miranda dos Santos. Este último, além de amplamente referenciado, vê três de entre as suas obras elencadas na bibliografia, sendo ainda adaptada dele a interessante «ficha de crítica e de orientação didáctica» destinada à «prática de ensino» e constante do final da obra. Os seus diversos compêndios para a formação de professores, publicados pela Companhia Editora Nacional, foram sucessos editoriais e circularam pelo mundo pedagógico contribuindo para a delimitação de uma pedagogia católica herdeira da Educação Nova na qual se inclui a produção de Moreirinhas Pinheiro e de muitos outros autores ligados à formação de professores durante o Estado Novo, muito em particular os professores de pedagogia e didáctica das escolas do magistério primário. Para a construção desse campo, o contributo das edições ou das traduções brasileiras é, sem dúvida, relevante, sendo Theobaldo Miranda dos Santos o mais influente desses autores, o que é atestado pela sua presença constante nas bibliotecas das referidas escolas²⁵.

²¹ Idem., pp. 27 e 59.

²² Idem., p.60.

²³ Idem., p.86.

²⁴ Idem., pp.105-106.

²⁵ TOLEDO, M. R. A. & MOGARRO, M. J. «Circulação e apropriação de modelos de leitura para professores no Brasil e em Portugal: Edições pedagógicas da Companhia Editora Nacional nas bibliotecas portuguesas». In M. M. C. Carvalho & J. Pintassilgo (Orgs.). *Modelos culturais, saberes pedagógicos*,

A noção de «meio-termo» serve para definir, de alguma maneira, a pedagogia de Moreirinhas Pinheiro. Falando, por exemplo, da cópia diz-nos o autor: «Deve seguir-se o meio-termo. A cópia é, na verdade, um bom exercício para atingir fins caligráficos e ortográficos; o seu abuso pode levar, porém, a um automatismo pernicioso»²⁶. Idêntica opinião defende em relação à polémica sobre a importância das datas no ensino da história: «entre estas duas opiniões contraditórias deve o mestre seguir o meio-termo»²⁷. De meio-termo se pode falar em relação à apropriação que autores como Moreirinhas Pinheiro, Orbelino Geraldês Ferreira, José Maria Gaspar ou Francisco de Sousa Loureiro fazem da herança da Educação Nova, combinando-a com a tradição da pedagogia católica. Os discursos são esvaziados das teses mais radicais e dos projectos de transformação social subjacentes a algumas das correntes do movimento, sendo enfatizada a sua dimensão técnico-científica.

A construção da disciplina de Didáctica Especial nos currículos da formação de professores é parte integrante desse sincretismo pedagógico. O lugar central por ela ocupado representa, igualmente, uma vontade de sedimentar uma certa tradição docente, vista como «arte de ensinar», e os rituais a ela associados, parcialmente decorrentes do «tacto pedagógico» do mestre. À volta da Didáctica Especial reúne-se uma plêiade notável de educadores e de formadores de professores que constroem a sua identidade profissional tendo como referência o discurso didáctico, considerado especializado, e a fundamentação pedagógica compósita proveniente da Educação Nova na sua interpretação católica e conservadora.

instituições educacionais: Portugal e Brasil, histórias conectadas. S. Paulo: EDUSP / FAPESP, 2011, pp.161-183.

²⁶ PINHEIRO, J. E. M. *Introdução ao estudo da Didáctica Especial, para uso dos alunos-mestres das Escolas do Magistério Primário* (2.^a edição, revista e aumentada). Lisboa: [s.n.], 1961, p.42.

²⁷ Idem., p.91.